



Entrevista

FELIPE "MOJAVE"

Por Amúlio Murta

PARTYPOKER.com

FEEL IT

Embaixador do Party Poker na América Latina

Felipe Ramos nasceu em São Bernardo, mas morou a maior parte da sua vida em São Caetano. Quando criança queria ser palhaço. Na adolescência, vislumbrou no futebol o seu primeiro projeto profissional. Ciente das dificuldades de se consolidar no esporte mais popular do país, desistiu dos gramados. Resolveu ser músico, com direito a formação em conservatório. Formou-se em Administração de Empresas e, ironicamente, encontrou no feltro o caminho para trilhar a sua história. Estudioso, foi um dos primeiros brasileiros a se dedicar a outras modalidades de poker. Hoje colhe os frutos do que plantou.

O garoto que queria ser palhaço foi o responsável por uma das maiores alegrias do poker brasileiro na WSOP 2009. Com mais uma mesa final no currículo, desta feita no evento #35 da *World Series (Pot-Limit Omaha com buy-in \$5.000)*, o país conseguiu sua primeira final table na Série Mundial em uma modalidade que não seja Texas Hold'em.

Com uma carreira internacional em franca ascensão e resultados que falam por si só, ele foi cobiçado pelos maiores sites de poker do planeta. Agora, acaba de ser anunciado como “Embaixador do PartyPoker” na América Latina.

Então, quando se deparar com um sujeito que protege suas cartas com um dado, cuidado, pois você pode estar diante de um dos mais completos jogadores do feltro nacional.

Foi em Las Vegas, numa confortável suíte no Bellagio, que ele recebeu a CardPlayer Brasil para essa entrevista.



Amúlio Murta: Vamos falar do início. Como o poker entrou na sua vida?

Felipe Mojave: Eu conheci o Texas Hold'em através de amigos que me convidaram para jogar numa sexta-feira depois do trabalho. Juntavam os casais, namoradas, fazia-se alguma coisa para comer e jogavam. Eles me ensinaram as regras, as mãos possíveis e, já nesse primeiro dia, não sei como, eu limpei a turma. (risos)

Depois me interessei pelo jogo. Quis me informar sobre como funcionava a dinâmica da coisa. Pesquisei na internet, descobri os sites de conteúdo, o poker na ESPN, etc. Na medida em que fui pesquisando, comecei a ter vontade de participar de um torneio de Texas Hold'em de verdade. Foi aí que eu conheci o Texas Tatuapé, em São Paulo, uma casa que não existe mais. Lá eu comecei a jogar os eventos de sexta-feira e de domingo. Eram torneios freerolls ou com buy-in de no máximo vinte reais. Comecei a me dar bem, só que eu tinha muitas atividades paralelas, como o meu trabalho no banco, e os shows e ensaios da minha banda.

Aos poucos eu fui passando para os torneios de cinquenta reais – na verdade eram SNGs de uma ou duas mesas. Foi nessa época eu entrei no “amazon” e comprei meus primeiros livros de poker. Então comecei a ler e estudar mais a fundo. Quando cheguei aos torneios de cem reais, eu já conhecia bem o jogo, tinha lido vários livros, como a “Teoria do Poker” e a “Trilogia do Dan Harrington”, a coisa começou a ficar mais séria. *(para saber mais sobre livros de poker, acesse www.raiseeditora.com)*

AM: Você tem no braço uma tatuagem que reúne alguns símbolos da sorte. Você se considera um sujeito supersticioso? E aquele dado que você usa para proteger as cartas, funciona como uma espécie amuleto?

FM: Eu sou supersticioso. Não ao ponto de repetir rotinas, repetir roupas que já venci torneios esse tipo de coisa. Eu sou supersticioso ao ponto de carregar o meu santo comigo. De trazer comigo um objeto que minha mãe me deu, que me traz energia boa. Esse tipo de coisa.

Quanto à tatuagem de poker, fiz porque tem tudo a ver comigo. É uma

mistura dos elementos da sorte. É uma coisa que fiz quando estava de bem com a vida, e naturalmente vai me trazer coisas positivas. Foi um presente de aniversário que eu me dei. Sou supersticioso neste sentido, acredito que coisas boas atraem coisas boas.

A história do dadinho começou no Texas Tatuapé. Fui jogar um torneio e, quando era minha vez de falar, o dealer passou a mão nas minhas cartas. Então reclamei, e eles me informaram que eu não estava protegendo as minhas cartas. Foi quando fiquei sabendo que precisava proteger as cartas. Um dia encontrei esse dadinho pra vender, acabei comprando e usando para proteger as cartas.

Quando uso o dado nos torneios, antes de fazer uma jogada, as pessoas pensam que tem alguma coisa a ver com as minhas decisões. Na verdade, há momentos em que eu estou fazendo isso apenas para analisar os adversários. Às vezes, enquanto estou ali, jogando o dado pra cima, fico observando o comportamento dos meus oponentes. Noutras vezes, estou apenas pensando na decisão a ser tomada, aliviando o stress ou simplesmente fazendo teatro. (risos)



“Você pensa: ‘Eu parei de fazer tudo que eu vinha fazendo na vida para jogar poker e agora estou aqui’. É um filme que passa na sua cabeça. (...) A vontade que dá é ligar pra todo mundo e dizer: ‘Vocês que confiaram em mim, tá aqui, a vitória é nossa!’.”

AM: Como músico com formação em conservatório, que similaridades você vê na música e no poker?

FM: Existem muitas semelhanças! As qualidades de um bom músico são as mesmas de um bom jogador de poker: dedicação, disciplina, estudo de situações. Do mesmo modo que é preciso saber como melhorar uma melodia, deve-se, no caso do poker, saber lapidar uma jogada. Saber quais elementos podemos adicionar numa música para torná-la melhor, equivale a aperfeiçoar seu jogo para deixá-lo mais eficiente.

Além disso, um elemento fundamental para um bom músico e para um bom jogador de poker é a criatividade e

a versatilidade. Um músico que conheça todas as escalas, acordes, história da música, independente do som que ele tocar, vai saber como utilizar isso nas suas composições, e fará algo com qualidade. É o mesmo caso dos grandes jogadores: conhecimento e criatividade.

AM: Há cerca de um ano e meio, em sua primeira entrevista para a CardPlayer Brasil, você já mostrava o interesse por outras modalidades. Você continua estudando outras variantes do poker?

FM: Sim, agora mais do que nunca. Eu procuro incluir outros jogos em meu portfólio. Atualmente, tenho estudado bastante H.O.R.S.E., que é um jogo que eu tinha bastante dificuldade, e venho conseguindo bons resultados. Recentemente, consegui uma vitória no maior torneio de H.O.R.S.E. da internet: o Sunday Night H.O.R.S.E. Também já fiz outras duas mesas finais de H.O.R.S.E. online.

Tenho me dedicado ainda ao estudo do Deuce-to-Seven Triple Draw, também conhecido como Lowball, e tenho me dado bem. Tanto que joguei o mixed games da World Series e caí perto da bolha. Na internet, jogo muito cash game de Stud Hi/Lo, Deuce-to-Seven, Omaha Hi/Low, e tenho estudado muito essas modalidades. Elas são o futuro do poker.

AM: Atualmente, na maioria dos casos, o poker online vem exercendo mais influência na vida do jogador do que os eventos ao vivo. Como você chegou ao poker na internet? E como andavam seus resultados em torneios live nessa época?

FM: Na internet, comecei jogando SNG de \$5 e \$10 no Party Poker. Através de satélites online, consegui meus primeiros buy-ins para torneios mais caros. Era uma coisa que caminhava junto, jogo live e o online. Eu jogava satélites online, e era lá que eu conseguia os buy-ins para os torneios live mais caros. Em abril de 2007, ganhei um satélite para os 70K do Omega. Um evento grande na época, que contou com a presença dos maiores jogadores do Brasil. Consegui fazer a mesa final, fiquei em sexto. Esse resultado me deixou muito feliz, porque foi o meu primeiro torneio realmente grande, em um field qualificado.

Na sequência, emendei outro satélite para o BSOP do Rio de Janeiro, que seria na semana seguinte. Consegui a vaga e fiz outra FT. Isso alavancou o meu bankroll. Com o BR maior, comecei a jogar uns torneios mais caros na internet e também live. Em setembro de 2007, após mais duas mesas finais, uma no Circuito ABC e outra no Circuito Paulista, eu cravei o BSOP de São Paulo. Com a vitória eu parei pra pensar, analisei meus resultados e surgiu o primeiro momento difícil pra mim, que foi quando tive que abdicar da minha banda. Foi muito difícil porque a música sempre foi uma das minhas paixões, mas no momento o poker já estava ganhando muita importância em minha vida.



AM: Pelo modo como as coisas estavam acontecendo – resultados expressivos, opção por deixar a banda, reflexões sobre como seria sua vida caso se tornasse jogador em tempo integral – tudo indicava que o próximo passo seria rumo à profissionalização. Como se deu esse processo, e como sua família reagiu diante da decisão iminente?

FM: Não foi fácil. Eu tinha uma carreira sólida no banco. Com 21 anos me tornei gerente em uma área importante, que era a de mercado de grandes empresas. Quando falei para a minha família, a reação deles não foi boa. Meu pai disse: “*Você têm noção de quantos rapazes na sua idade ganham o que você ganha? Quantos amigos seus, na sua idade, tem o mesmo sucesso que você tem? Você vai jogar tudo isso fora por causa de um jogo?*” Então expliquei para ele que eu já vinha jogando há mais de um ano, que eu mostrava regularidade, que meu ROI era positivo e que todo dinheiro que eu investia me dava retorno. Aí ele me disse: “*Olha, você já é bem grandinho, mas faz o que você achar melhor*”. Mesmo não concordando, obviamente.

Então, em janeiro de 2008, tive uma conversa com o Akkari e com o Brasa. Eu me lembro como se fosse ontem, eles falando: “*Pô, e então, vai continuar vestindo terno e gravata, trabalhando de dez às seis?*” Eu já tinha um rendimento

bo no poker, com regularidade. Outra pessoa com quem conversei a respeito foi o Thiago “Decano”, que já havia tomado a mesma decisão um ano antes. Assim, depois de pensar muito, resolvi largar o banco e me tornar jogador profissional de poker.

AM: O sonho de todo jogador é conseguir um patrocínio. O que representa para você ser o novo embaixador do PartyPoker na América Latina?

FM: É fantástico ter sido contratado como embaixador do PartyPoker.com. É um caso realmente especial porque, até então, eles não faziam acordos desse tipo com os jogadores. Cada integrante já tinha uma ligação forte com o site antes – somos membros VIP do Palladium Lounge – e agora sou o representante na América Latina. O “Party Team” está sendo criado em diversos lugares do mundo, é o capitão do time é simplesmente o Mike Sexton. Enfim, é uma grande honra pra mim fazer parte desse grupo.

AM: O Party Poker foi um dos principais responsáveis pela massificação do poker online no mundo, quando lançou um software revolucionário no começo da década. Agora o site ressurgiu, pretendendo retomar sua posição de grande potência do poker online. Quais os diferenciais oferecidos pelo Party Poker nesta nova fase?

FM: O novo PartyPoker, que estreou no ano passado, me agradou bastante: está bem mais amistoso para os usuários. Mas foi o lançamento do Palladium Lounge, para os jogadores VIP, e o novo programa de fidelidade que mais me chamaram a atenção. A loja VIP do PartyPoker também está fantástica, acho que é a melhor que existe no mercado. Há itens de luxo à disposição – carrões inclusive (risos) – e também uma seção em que você pode trocar seus pontos por cash e bônus. Outra coisa que destaca a loja ainda mais da concorrência é que, no nível Elite do Palladium, é oferecido um serviço completo de “conciERGE”, que é a última palavra em tratamento VIP.

Isso sem falar que o PartyPoker.com faz parte de uma empresa que oferece outros jogos, disponibilizando uma experiência online completa, o que torna a conta compartilhada importante, já que permite que você jogue em qualquer uma das opções oferecidas.

Além disso, como você mencionou, o PartyPoker.com foi um dos primeiros a acreditar no mercado brasileiro: desde 2004, junto com o Clube do Poker, com quem desenvolveu um novo conceito de poker online. Nesta nova fase, o Brasil é uma parte importante da estratégia, já que é o maior mercado da América Latina. E nós vamos disponibilizar algumas promoções exclusivas nosso país:

Em agosto vai começar o “Desafio Mojave”, e o primeiro será disputar um *heads-up* contra mim. (risos) O brasileiro mais bem colocado no *Monthly Million* vai poder me enfren-

tar num *heads-up* de \$1.000. Outro desafio vai ser o “Mojave Bounty”, um *freeroll all-in* de \$2.000 somente para brasileiros, duas terças-feiras no mês. A galera vai poder jogar e conversar comigo no chat, e quem me eliminar vai ganhar um bônus de \$150.

Essas são só as duas primeiras promoções do “Desafio Mojave”, então recomendo que você fique de olho na minha coluna aqui na CardPlayer Brasil, e no meu novo site PartyPokerBrasil.com, porque mais promoções virão. (risos)

AM: Vimos o novo site do PartyPoker.com, bem como a nova chamada, “Feel It”. Ela tem algum significado especial?

FM: Como parte da nova estratégia, o PartyPoker está trabalhando no relacionamento com os jogadores. Por esse motivo, foi feita uma extensa pesquisa mundial junto aos usuários, o que ajudou a desenvolver uma nova proposta para o site. E essa pesquisa identificou o *it* como a adrenalina que a gente sente quando bate o river, por exemplo. Na verdade, o *it* é algo diferente para cada um. Como você pode ver nos comerciais do PartyPoker.com na TV, é como se os jogadores estivessem no meio de um furacão de adrenalina – uma metáfora para o poker na internet e a diversão que ele proporciona. Eu gostei. (risos)

AM: Como podemos ver, sua carreira está muito bem encaminhada. Prova disso é que, entre os nossos melhores momentos na história da World Series, está a sua final table no evento #35 (Pot-Limit Omaha de \$5.000). Qual é a sensação de fazer uma mesa final na maior série de torneios de poker do planeta?

FM: A melhor sensação do mundo. Você pensa: “Eu parei de fazer tudo que eu vinha fazendo na vida para jogar poker e agora estou aqui”. É um filme que passa na sua cabeça. Você se lembra das pessoas que lhe desacreditaram, lembra das que lhe



PLANOS DE FIDELIDADE						
	CHAVE	PONTOS	DINHEIRO	% DINHEIRO DE VOLTA	BÔNUS	% BÔNUS DE VOLTA
	BRONZE	400	US\$ 10,00	5%	NENHUM	NENHUM
	PRATA	1.500	US\$ 50,00	6,67%	US\$ 100,00	13,33%
	OURO	4.000	US\$ 200,00	10%	US\$ 350,00	17,5%
	PALLADIUM	10.000	US\$ 600,00	12%	US\$ 1.200,00	24%
	PALLADIUM	20.000	US\$ 1.200,00	15%	US\$ 3.000,00	30%
	PALLADIUM ELITE	100.000	US\$ 15.000,00	30%	US\$ 20.000,00	40%

incentivaram. Pensa na sua família, nos seus amigos. Aliás, quero aproveitar aqui para agradecer a minha família. Sou muito grato a todos porque, mesmo sendo difícil no começo, eu não estaria aqui se não fosse pelo apoio deles. A vontade que dá é ligar pra todo mundo e dizer: “Vocês que confiaram em mim, tá aqui, a vitória é nossa!”.

AM: Essa é uma pergunta recorrente em entrevistas, mas é inevitável: qual o conselho que você dá aos jovens iniciantes que admiram seu jogo e querem se profissionalizar no poker?

FM: Uma coisa é o que você quer fazer na vida, outra coisa é o que você consegue ser na vida. Por exemplo, se você quer ser jogador de futebol e têm 180 kilos, desista porque não é a sua. Esqueça. Você não vai jogar futebol, simplesmente porque está impossibilitado de fazer isso. A mesma coisa vale para o jogador de poker.

É preciso fazer uma análise e descobrir por que você quer jogar poker. Se você for uma pessoa disciplinada, paciente, que sabe controlar seus recursos financeiros, venha para o lado do poker. Existe a chance de conseguir se dar bem. Quem não possui essas qualidades, melhor ficar de fora. Se você é uma pessoa ansiosa, impaciente, que não tem boa capacidade analítica, não será um bom jogador de poker.

Depois disso, muito estudo e dedicação. É preciso se preparar com afinco. Assim, meu conselho é: primeiro

avaliar suas qualidades, depois, procure entender o jogo. Estude, confronte as suas qualidades com o seu conhecimento nas mesas e veja qual é o resultado. A partir daí você saberá se tem ou não as características necessárias para se tornar um jogador profissional de poker.

E se você for jogar online, tenha cuidado onde vai colocar seu dinheiro. Eu confio no Party Poker não só porque sou do time, mas porque se trata de uma empresa séria, com capital aberto na Bolsa de Valores de Londres. Sei que meu bankroll está seguro lá. Outra coisa: certifique-se de que está conseguindo o máximo de valor possível pelo seu dinheiro. Um bom exemplo disso são as promoções e o programa de fidelidade do site (vide ilustração), que agora está oferecendo aos jogadores “Palladium Elite” um bônus equivalente a 40% de *rakeback*.

AM: Depois de tudo isso, o que vem por aí? Quais são os objetivos do Felipe “Mojave” Ramos para o futuro?

FM: Meus objetivos daqui pra frente são ajudar a desenvolver o poker no Brasil. No que diz respeito a torneios, meu contrato com o Party Poker engloba a participação em grandes eventos internacionais como o Party Poker World Open, um evento com os Top 48 jogadores do mundo, que vai acontecer em Barcelona, em setembro. Também sonho em conquistar um grande torneio internacional, e para isso vou trabalhar muito. ♠

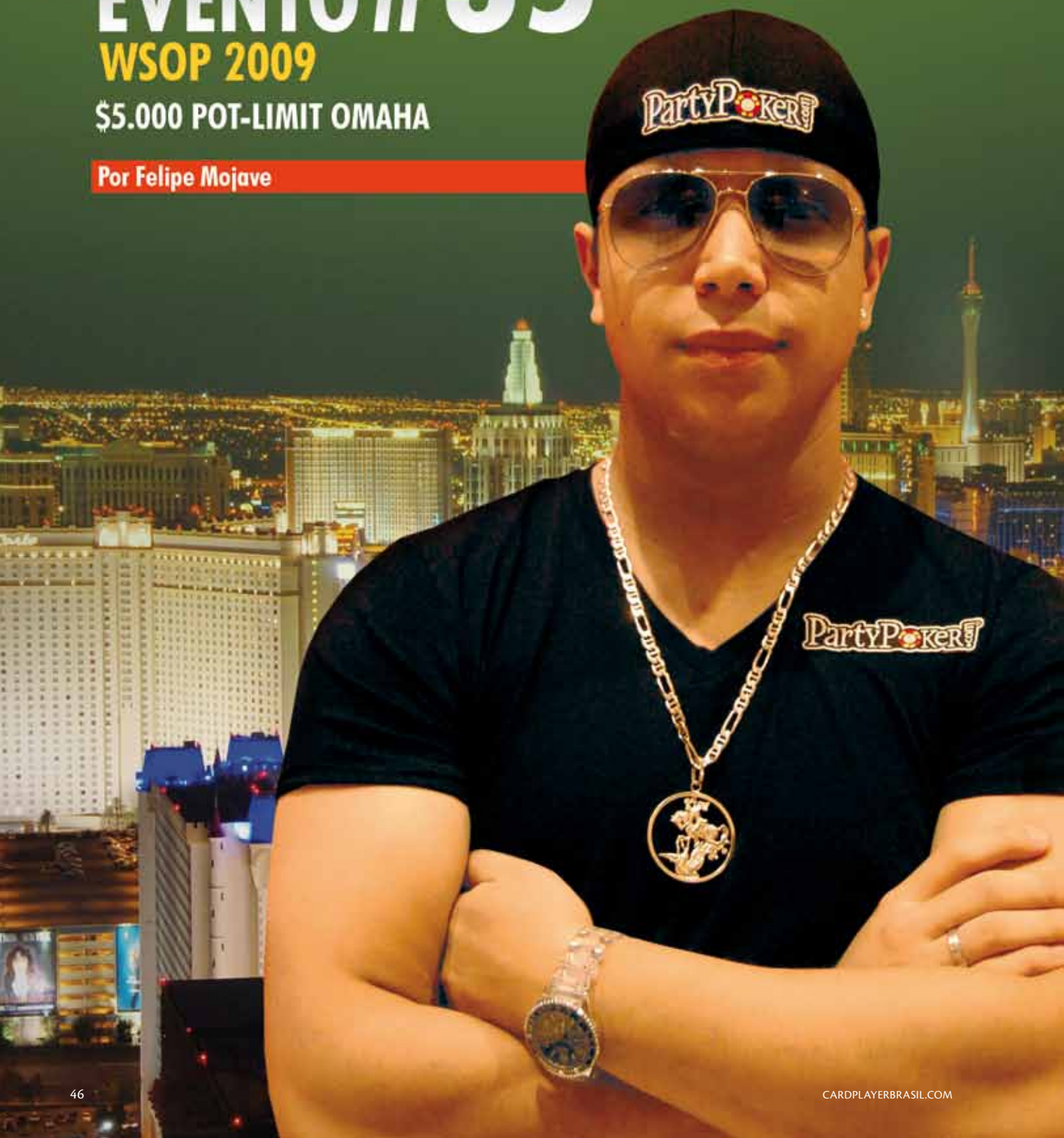


TUDO SOBRE O
EVENTO #35

WSOP 2009

\$5.000 POT-LIMIT OMAHA

Por Felipe Mojave



Fala, galera da CardPlayer Brasil! Nesta edição especial de 2 anos da revista, apresento para vocês os detalhes do meu torneio no evento #35 da *World Series Of Poker 2009* (Pot-Limit Omaha de \$5.000), em que consegui alcançar a mesa final e a 6ª colocação.

Por mais que eu tenha deixado escapar a vitória no torneio e o sonho do bracelete de ouro, é claro que estou muito contente, afinal, foi a 1ª mesa final de um brasileiro na modalidade Omaha. Este é um jogo que eu venho estudando e praticando bastante, o que me credenciou a estar entre os melhores do mundo na Série Mundial deste ano.

O *field* de um torneio de 5k da WSOP atrai as maiores feras do planeta. E entre os 363 jogadores que se inscreveram para esse evento, estavam praticamente todos os grandes nomes da atualidade. Era possível encontrar craques como Phil Ivey, Jeffrey Lisandro, David Benyamine, Daniel Negreanu, Sorel “Zangbezan” Mizzi, Cliff “JohnnyBax” Josephy, Isaac “WestmenloAA” Baron, Patrick Antonius, John Juanda, Tom “Durrri” Dwan, Peter Jetten, Noah Schwartz, Matt Graham e muitos outros competidores de alto nível.

Meu torneio começou em uma mesa duríssima, composta por JohnnyBax, Nam Le, John Kabbaj e pelo menos outros dois jogadores com grande currículo no poker. E logo no começo tomei uma grande fatiada com *top set*, contra um jogador escandinavo claramente me acompanhando no *flush draw*. O mais curioso é que o *flush* apareceu no river, e, depois de eu dar

mesa, ele pensou por cerca de trinta segundos e resolveu dar mesa também, apresentando *Q-high flush*. No segundo nível de blinds (100-200), tomei uma tremenda *bad beat*, que me deixou *short stack*. Prestem atenção nesta jogada, pois ela realmente foi de uma arquitetura miraculosa.

UTG entra de *limp* e três *calls* ocorrem. Quando a ação chega no SB, um jogador russo de perfil *loose* resolve apostar o pote, no valor de 1.100. Eu olho minhas cartas no BB e encontro A-A-9-7 *double-suited*, e reaumento para 2.850. Para minha surpresa, a mesa toda dá *call*, e então a equidade da minha mão já tinha ido pro espaço, ou seja, preciso acertar o flop – e muito bem acertado, por sinal. Mas quando a ação chega novamente no russo, que já tinha as fichas separadas para dar o *call* antes mesmo de chegar sua vez de falar, ele resolve aumentar novamente e ir de *all-in* por 7.500 fichas. Claro que eu, internamente, comemorei muito, pois essa jogada dele tinha realmente salvado a minha mão: eu agora teria a chance de reaumentar pela quarta vez, para 12k, e me isolar no pote contra ele, afinal eu sou o próximo jogador com a ação e os demais não terão *odds* para dar *call*. Perfeito! É, mas as surpresas não haviam acabado... Uma jogadora no *UTG* fala: “*Let’s gamble!*” e vai de *all-in* por 8k. Os demais jogadores dão *fold*, e apresentamos as mãos: o russo que deu dois *raises* apresenta 9-7-7-2 *single-suited* (?), a senhora abre J-J-8-7 *double-suited*, e eu abro A-A-9-7 *double-suited*. Neste instante estou dominando ambos no *flush draw*

de copas e espadas (eu perderia apenas para paus). O flop foi terrível: J-7-5 *rainbow*, e não tive ajuda do turn nem do river. Caí para 6k em fichas.

Logo no final desse nível, vim com A-A-K-Q *single-suited* e voltei a aposta de um adversário que me colocou *all-in* com a melhor mão possível, K-K-x-x. Dobrei e, depois de acertar alguns flops, voltei para 20k antes do intervalo. Daí pra frente comecei uma boa escalada no meu stack, mas alguns *hits* não me deixaram ultrapassar muito da média de fichas, como trinca contra *flush draw* e outras mãos normais no Omaha. Terminei o Dia 1 com 95k, com a média em 85k.

Sobre o Dia 2, já vou começar dizendo assim: “Foi o melhor poker que eu já apresentei na vida”. Tomei uma série de decisões muito felizes e estava com *timing* de jogo muito ajustado, o que me fez manter o meu stack num tamanho adequado. Neste dia houve duas mãos muito importantes que me alavancaram. Na primeira, eu tinha um stack de 75k e dei um *call* do button com J♣J♦T♦8♣. Com outros três jogadores na ação, o flop veio T♣9♣4♦, sendo que eu acertei um *draw* para *straight-flush*. A minha mão não é tão forte assim, pois facilmente sou batido com *J-high flush*, e minha sequência nunca é *nuts*, exceto se entrar o 7. O primeiro adversário dá *check*, e o segundo aposta 14k. Dou *call* em posição e o outro jogador dá *fold*. No turn aparece a carta milagrosa: 7♣ (isso mesmo, *straight-flush!*). Meu adversário aposta o pote, que já era quase suficiente para me



colocar em *all-in*, que eu mesmo anunciei com as 20k fichas restantes. Ele dá *call* com *nut-flush* e eu tenho o *straight-flush*! Sensacional! Dou um salto para 150k e agora tenho stack para brigar com os grandes da minha mesa.

Nesse momento, o *chip leader* Jesper Hougard, com 550k em fichas, é transferido para a minha mesa. Além do grande estoque, ele também é um excelente jogador, e estava pressionando muito. Quando eu disse que foi o melhor poker que apresentei na vida, estava falando em jogar fora de posição contra um adversário forte e com quatro vezes o meu stack. Eu sabia que ali era a galinha dos ovos de ouro, pois arrancar fichas dos demais jogadores estava difícil, já que eles estavam jogando muito firme e *tight*. Então, pelo poker sólido que eu vinha apresentando, minha estratégia foi deixar ele encarecer o pote e voltar todas as minhas fichas no turn, pois eu sabia que ele estava jogando mãos muito marginais e

seria improvável que me desse *call* com qualquer mão média. E assim, em dois grandes blefes contra Jesper, consegui subir 220k. No segundo, a jogada foi bem interessante: ele abriu *raise* do UTG+1, e eu dei *call* do button com 2-3-4-5 *single-suited* em paus. O flop vem A-5-9 com duas de espadas, e eu acerto um *wrap* de nove *outs* com um par. Ele dispara o pote, e eu dou somente *call*. No turn, um T♦ não muda muita coisa, e ele dispara o pote de novo. Simulando claramente ter uma mão forte e, quem sabe, o *draw* para *flush* (algo como trinca e *flush-draw* ou *top-two* e *flush-draw*), dei *call* mais uma vez, pois eu sabia que, ainda que eu não fechasse a minha mão, ele se assustaria com o segundo *call* e talvez reduzisse a marcha no river. E foi exatamente o que aconteceu. O river trouxe um 6♠, deixando três desse naipe no bordo. Ele prontamente deu *check*, e depois de 30 segundos eu anunciei *all-in*. Ele pensa um pouco e, como o previsto, dá *fold*, pois estava forçando

WELCOME TO THE WORLD SERIES OF POKER®



a barra desde o começo, talvez com um ás apenas. Alcancei a marca de 300k em fichas sem nenhum *show-down* e com jogadas bem pensadas, que exigiram realmente o melhor de mim. Colocar todas as fichas nessa situação antes mesmo do ITM foi uma jogada classe A, e era exatamente isto o que eu queria que ele pensasse: que eu não seria capaz de fazer essa jogada na bolha do torneio se eu não tivesse o *nuts*. Na verdade, essa jogada teve um risco muito bem calculado, e o único problema dela seria se ele tivesse fechado realmente alguma mão no river e apostasse, pois isso o deixaria *pot-committed* e só me restaria dar *fold*.

E foi logo em seguida que eu consegui engatar uma sequência de mãos, ganhando bons potes contra Jeffrey Lisandro e eliminando o Justin "Boosted J" Smith. Dobrei o meu stack numa grande mão contra o JohnnyBax. Ele deu *raise* do *cut-off*, e eu paguei do big blind, com 2-4-6-7 *single-suited* em espadas. O flop

trouxe 2-3-T com duas de espadas, e dei *check* no flop para ele apostar. Depois de algum tempo, voltei *all-in*. Ele demorou muito, mas muito tempo, e resolveu dar call, apresentando apenas K-K-x-x, ou seja, *overpair*. Com isso, minha mão tinha 70% de chances de vencer, pois tinha uma combinação bem forte com par, *straight* e *flush-draws*. Logo no turn eu acertei o meu *straight* com 5, dobrei e disparei para acima da média.

Quando entramos na faixa de premiação, as eliminações começam a acelerar, e logo chegamos à mesa semifinal. Num determinado momento, restavam 11 jogadores, e a minha mesa estava *5-handed*. Eu tinha 550k em fichas e um bom stack para a mesa final, que estava perto de se formar. O *chip leader* do torneio era Rifat Palevic, com 850k, e ele abre *raise* do UTG para 60k, com blinds 10k-20k. O *short stack* da mesa, que tinha 250k, volta o pote e fica praticamente em *all-in*. Estou no button, encontro A-A-J-T *single-suited* em espadas e dou *re-raise* do tamanho do pote, que era quase o meu *all-in* também. O *chip leader* dá *fold*, e Dan Hindin apresenta K-J-T-8 *double-suited* em espadas e copas. Que maravilha! Ele está dominado em espadas, o que o deixa numa situação de 28,5% de chances de ganhar a mão. Mas o flop foi cruel demais, trazendo três cartas de copas para ele acertar o *flush* e dobrar. E eu, que ia entrar na mesa final com 800 mil fichas, fiquei numa situação de *short stack* com 360 mil. Pelo menos essa foi a última mão do dia, e um banho e uma boa noite de sono recarregariam as minhas energias para voltar no dia final com o espírito renovado, pronto para alcançar a mesa final. E foi o que aconteceu.

No dia final, quando estávamos em *hand-for-hand* para formação da FT, ganhei simplesmente todos os potes que joguei com *raises* roubando os blinds e mantendo o stack. Escalei para 452k. Depois de Isaac Baron ser eliminado, a mesa final foi composta assim:

1	Cliff Josephy	1.027.000
2	Rifat Palevic	989.000
3	Sorel Mizzi	869.000
4	Richard Austin	563.000
5	Van Marcus	544.000
6	Felipe "Mojave" Ramos	452.000
7	Peter Jetten	430.000
8	Dan Hindin	282.000
9	Samuel Ngai	182.000





Chip Count



Mesa final de WSOP... Nesse momento passa um grande filme na cabeça, uma emoção realmente muito forte. Você começa lembrar de quando começou a jogar poker e de como seu caminho foi traçado até chegar naquele momento histórico para mim e para o Brasil... As dificuldades, as escolhas e a batalha que é trabalhar com este esporte maravilhoso, mas extremamente competitivo e complexo. Eu sabia que estava preparado para aquele momento. Eu vinha estudando muito sobre essa modalidade e já tinha uma considerável carga de experiência em retas finais de grandes torneios.

Depois desse objetivo realizado, sinceramente, fui pro tudo ou nada. Sem falsa modéstia, meu objetivo era o bracelete – como eu costumo dizer, joguem o torneio de poker com os objetivos debaixo do braço. Primeiro objetivo: passar para o Dia 2. Segundo: passar para o Dia 3. Terceiro: chegar à FT. Objetivo

Final: bracelete da WSOP. Dos quatro, três eu já havia conseguido.

Minha estratégia para a mesa final era jogar bastante sólido e procurar ver a maioria dos flops possíveis em posição. Com os blinds altos e os *chip leaders* pressionando, jogar em posição era fundamental. Do contrário, seria muito fácil ficar *short stack* e ser eliminado logo no começo da *final table*, pois, fora de posição, se errar o flop e atirar, há o risco de ser pago por quem tem muitas fichas com mãos marginais – do mesmo modo, se eu pedisse mesa, é fato que eu seria pressionado e obrigado dar fold na maioria das vezes.

Logo no começo da FT joguei um pote contra Rifat Palevic de 1,2 milhões de fichas, que, se eu tivesse vencido, me tornaria o *chip leader* do torneio. Alguns jogadores entraram de *limp*, e eu dei *check* no big blind com K-J-7-6 *double-suited*. O flop veio 9-8-2 com duas cartas de espadas, e eu tinha K♠7♠, ou seja, duas pontas e *flush draw*. Dei *check*,

e todos fizeram a mesma coisa. No turn veio a carta perfeita: 6♦. Acertei o *nuts* e ainda tinha o *redraw* para espadas. Numa tentativa de acumular mais fichas e possivelmente fazer engatar na mão, com todo o seu stack, algum jogador que também tivesse o *straight* no turn, dei *check* novamente. Rifat apostou o pote, todos os demais deram *fold*, e eu reamentei para o pote. Quando Rifat voltou *all-in*, eu sabia que ele tinha a sequência também, só me cabia dar *call* e torcer pra bater espadas no river. E o plano era perfeito, pois ele também tinha espadas, mas no Valete, e eu no Rei. Ele tinha o *redraw* da sequência para cima com três damas, e eu jogava com as espadas. Dobrou o 8 no river, e dividimos o pote.

Daí em diante vi muitos flops, mas não acertei nenhum. Quando estava em posição, levei vantagem duas vezes sobre JohnnyBax e Richard Austin, e puxei os potes, mas não estava encontrando boas



situações para arrecadar fichas, sem falar que os blinds estavam pressionando muito. Restando sues jogadores o jogo estava muito duro e bem disputado, ninguém dava oportunidade para ninguém. Foi quando o *chip leader* da FT com 1,6 milhões de fichas, Sorel “Zangbezan” Mizzi, abriu *raise* de 100K do *UTG*, com blinds em 12k-24k. Encontrei A-A-T-6 *single-suited* em ouros, do button. Aumentei o valor do pote e fiquei com cerca de 100 mil fichas para trás. Com 900k ele resolveu me colocar em *all-in*, e eu dei o *call*. Sorel tinha A-J-9-7 *single-suited* no J de paus, e eu era favorito em 3-1 para vencer a mão pré-flop. Pra quem não está muito familiarizado com o Omaha, ainda seria a mesma coisa que eu tivesse AK e ele segurasse AQ, ou seja, dominado. O flop foi o melhor do mundo: 2♦4♦T♠, trazendo para mim um par e o *nut-flush-draw*. Isso equivale a 92% de chances de vencer a mão, a oportunidade de dobrar e voltar firme pro jogo, na luta pelo bracelete. O turn foi uma carta perigosa, 8♥, abrindo *outs* para sequência – mas eu ainda era muito favorito, com 70% de chances. E o river veio para me derrubar de uma maneira muito dolorosa: um J♥ completou a sequência de Sorel e me eliminou na 6a. colocação. Acho que dolorosa não é a palavra certa para descrever o momento, pois foi muito mais do que isso – o cara não tinha par e nem tem *draw* para nada. Enfim, não tinha “pra onde correr”.

É claro que no momento a frustração é muito grande. Chegar tão perto do bracelete num evento com *buy-in* de 5k e perder uma mão dessas é de chorar mesmo. Mas é claro que a alegria de fazer uma mesa final histórica para o Brasil na WSOP é muito

maior que isso. Só pelo fato de eu conseguir comprovar que meu jogo está evoluindo a ponto de eu encarar feras renomadas do poker de igual pra igual já é um grande feito. Além disso, representar o Brasil é uma enorme honra pra mim.

Considero esse resultado uma vitória do nosso esporte em geral, de quem ama mesmo o poker. Sei que milhares de brasileiros ficaram torcendo pra mim durante o traba-

agora também foi inédita, e eu nem consigo imaginar quantas pessoas estavam assistindo e trazendo energias positivas. Valeu mesmo.

Outro fato importante é que, como eu tinha acabado de fechar contrato com o Party Poker para ser embaixador do site na América Latina, começar com o pé direito foi muito bom. Aproveito para avisar que estou atualizando diariamente o meu novo blog, no endereço partypokerbrasil.com.



lho, estudo, e por aí vai, sem pedir nada em troca, somente pelo fato de ver o poker brasileiro triunfar.

Outro fato sensacional é o reconhecimento. Meu desempenho foi elogiado por especialistas de Omaha, como Robert Williamson III, que foi o comentarista da mesa final transmitida ao vivo na ESPN360. Eu me lembro muito bem quando cheguei na mesa da TV no *EPT San Remo*, em abril de 2008, onde todo mundo do poker parou para assistir, pela primeira vez, um brasileiro representando o nosso país ao vivo – parecia copa do mundo de futebol (vide edição n. 07 da CardPlayer Brasil). Essa

com, e que vocês também podem acompanhar no twitter, pelo nome @PartyBrasil. Deixo aqui também uma dica para quem quiser conhecer o novo Party Poker: basta abrir uma conta com o código NOVOPP e ganhar 100% de bônus no primeiro depósito, até \$500.

Em resumo, essa foi a história da minha mesa final no evento #35 da WSOP 2009 (Pot-Limit Omaha com *buy-in* de \$5.000). Espero que vocês tenham curtido esse momento junto comigo, pois como eu disse, foi uma vitória do poker brasileiro. Grande abraço a todos, e muito obrigado pela torcida! ♠

